

# ANÁLISE JUNGUIANA DE CRIANÇAS



Audrey Punnett (org.)

# ANÁLISE JUNGUIANA DE CRIANÇAS

Tradução:  
Alex Rocha e Denise Mathias



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Jungian Child Analysis*  
©2018 by Fisher King Enterprises  
ISBN 978-1-77169-038-6 Paperback  
ISBN 978-1-77169-039-3 eBook

Direção editorial  
*Darlei Zanon*

Coordenação da coleção:  
*Dra. Maria Elci Spaccaquerche*  
*Dr. Franklin Chang*  
*Dr. Léon Bonaventure (in memoriam)*

Gerente de design  
*Danilo Alves Lima*

Coordenador de revisão  
*Tiago José Risi Leme*

Preparação do original  
*Caio Pereira*

Diagramação  
*Gustavo Gomes*

Imagem da capa  
*Karl Ernst Papf (1833-1910)*

Impressão e acabamento  
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Análise junguiana de crianças / organizado por Audrey Punnett. - Tradução de Alex Rocha e Denise Mathias. - São Paulo : Paulus, 2023.  
(Coleção Amor e psique)

Bibliografia  
ISBN 978-65-5562-808-1  
Título original: *Jungian Child Analysis*

1. Psicologia junguiana 2. Crianças I. Punnett, Audrey II. Série

23-0042

CDD 154.53

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicologia junguiana



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções: [paulus.com.br/cadastro](http://paulus.com.br/cadastro)  
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-65-5562-808-1

Para as crianças do mundo,  
e para todos que se encontram com elas.



## INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se novo lugar de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para nossas feridas e sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e sofrimentos nasceram de falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida porta em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, e sim o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode, de novo, estender a mão à teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência, para podermos

reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos os que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

*Léon Bonaventure*



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos colaboradores deste livro: Margo Leahy, Liza Ravitz, Lauren Cunningham, Brian Feldman, Patricia Speier, Maria Ellen Chiaia, Susan Williams, Robert Tyminski e Steve Zimmelman, que foram pacientes com as minhas sugestões em suas contribuições e cujos textos excederam em muito as minhas expectativas. Sou muito grato pelo tempo que reservaram em suas vidas ocupadas para contribuir para este volume. Quero agradecer ao Grupo de Trabalho Infantil da Associação Internacional de Psicologia Analítica (IAAP) pelo trabalho que estão realizando para aumentar a conscientização dos analistas que trabalham com crianças e adolescentes, oferecendo mais oportunidades de *networking*. Quero agradecer especialmente a Wanda Grosso, que acompanhou o envolvimento e a história das pessoas que trabalham com crianças nessa organização, e por ter escrito o prefácio deste livro. O financiamento para este livro veio do programa de treinamento de bebês, crianças e adolescentes (iCAT) do Instituto C. G. Jung de São Francisco. Por meio de uma generosa doação de Brad e Kay Bradway, esse programa existe para treinar analistas de crianças e adolescentes. E, claro, meu agradecimento especial a Mel Mathews, editor da Fisher King Press, que continua facilitando a transformação de sonhos em realidade e é uma inspiração para se viver uma vida autêntica.



# LISTA DE FIGURAS

## Capítulo 2

Figura 1. Bandeja de *sandplay* – menino de 8 anos

Figura 2. Bandeja de *sandplay* – menino de 11 anos

Figura 3. Unidade mãe-filho: um desenvolvimento mais aprofundado do vínculo arquetípico entre mãe e filho

Figura 4. Imersão no banho

## Capítulo 4

Figura 1. As mãos de Claire

Figura 2. Zodíaco chinês com quatro elementos

Figura 3. “Terra e espaço”

Figura 4. “Universo Flammarian”

Figura 5. “O buraco negro”

Figura 6. Contas vermelhas descobertas: a circulação do sangue

## Capítulo 7

Tabela 1. Diferenças básicas entre Freud e Jung na interpretação dos sonhos

## Capítulo 8

Figura 1. Uma sala dividida e uma psique dividida. “Não entre!”

Figura 2. “O rei na sauna”



# PREFÁCIO

*Wanda Grosso*

É um grande prazer e uma grande honra, para mim, escrever o prefácio de *Análise junguiana de crianças*, por várias razões pessoais e profissionais.

É um livro sobre a análise de crianças, e, como analista, eu considero que o meu treinamento e a minha experiência com crianças e adolescentes foram uma base fundamental para a minha maneira de trabalhar e ser.

Este é um livro editado nos Estados Unidos, muito longe da velha Europa e da Itália, onde eu moro e trabalho, do outro lado do oceano, portanto é um caloroso testemunho da ligação entre os analistas de crianças junguianos, uma ponte que começou alguns anos atrás com o International Workshop of Analytical Psychology in Childhood and Adolescence.

## **A continuidade do *Self***

Tempo presente e tempo passado,  
ambos são, talvez, presentes no futuro  
e tempo futuro contido no passado.<sup>1</sup>

A trajetória teleológica da infância para a vida adulta prediz uma continuidade do senso de si mesmo; nós ainda somos a criança que fomos, de uma forma pessoal

---

<sup>1</sup> ELIOT, T. S. *Four Quartets*, p. 13.

e arquetípica. É da base da infância que desenvolvemos e temos perspectiva da vida humana, sejamos crianças ou adultos. O que somos, na realidade, como indivíduo é o resultado de vários componentes: a predisposição arquetípica e genética, isto é, o que eu poderia ser; os eventos factuais, as experiências reais e os relacionamentos que eu tive e estou tendo, isto é, o que eu sou; e o que eu serei capaz de ser, de acordo com a predisposição arquetípica, o equipamento genético, e a experiência da vida real e as novas experiências que encontrarei. Existe também um *continuum* entre saúde mental e patologia sem demarcação entre boas e más emoções e sentimentos. Esse é o terreno comum que sustenta a capacidade de um ser humano de compreender e ter empatia com o outro.

“Pois em todo adulto espreita uma criança – uma eterna criança, algo que está sempre se tornando, nunca está completo, e demanda aumento de cuidados, atenção e educação.”<sup>2</sup> A parte infantil/criança da personalidade é preciosa, e nós contamos com esses inícios primitivos para manter vitalidade, curiosidade e esperança. De fato, a capacidade de resiliência ou a capacidade de lidar com adversidades que possibilitem a reparação vem das experiências precoces. Ao mesmo tempo, os aspectos infantis estão estritamente ligados a fragilidade, fraqueza e insegurança. A criança interior mantém memórias explícitas ou implícitas da humilhação vinda de sentimentos de impotência. Ser criança, e pequena, nem sempre é um valor, algo que mereça o interesse e o cuidado de um adulto amoroso. Ao contrário, ser uma criança pode ser experimentado como algo estressante, angustiante e doloroso que deve ser repudiado, negado e dividido. Em

---

<sup>2</sup> JUNG, C. G. *The Development of Personality*, CW 17, §284.

qualquer caso, o passado é a fundação do presente e projeta para o futuro.

Quando Freud<sup>3</sup> diz “*das Kind is der vater des Mannes*”, a criança é o pai do adulto, está expressando um conceito similar psicologicamente, especificamente, o que o adulto é atualmente foi gerado pela criança que ele/ela foi. Nosso corpo, nossas emoções continuam a manter vivas as memórias da criança que fomos; mesmo agora, ainda somos essas crianças. O passado está presente em sintomas, em movimentos do corpo, em emoções, em sonhos e fantasias, pedindo para ser visto, mantido e eventualmente reparado, a fim de continuar o processo de individuação. Continuamos a integrar aspectos desconhecidos de nós mesmos esperançosamente, tornando-nos mais abertos e flexíveis com respeito às experiências internas e externas.

Dessa forma, acho crucial, como analista, cuidar das emoções e experiências reais dos pacientes adultos quando crianças pequenas; esses elementos, como lembretes, estão ainda vivos e ativos na vida atual. Da mesma forma, acho que, no treinamento para tornar-se analista, entrar em contato com a criança dentro de si mesmo e conhecer também o desenvolvimento fisiológico e patológico e a vida emocional das crianças pode trazer um enorme enriquecimento no caminho de trabalhar com pacientes de qualquer idade.

Eu estive envolvida no cuidado de crianças que moravam em abrigos e no treinamento de profissionais que lidam com elas por cerca de trinta anos. Foi dada a mim a oportunidade de ver e tocar os efeitos duradouros que abandono, abuso e negligência causam no corpo, no

---

<sup>3</sup> FREUD, S. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, GW VII, p. 412.

cérebro, na mente e na vida relacional. Trabalhando com crianças que sofreram traumas precoces e com o avanço de pesquisas atuais em neurobiologia e neurofisiologia, ficam claras as interconexões entre mente, cérebro e corpo. Foi demonstrado que “a exposição a adversidades precoces altera trajetórias do desenvolvimento do cérebro, o que, por sua vez, leva ao comprometimento social, emocional e cognitivo, seguido pela adoção de comportamentos de risco à saúde”.<sup>4</sup>

Portanto, traumas precoces mostram a necessidade de fazer pontes, conexões, de um ponto de vista terapêutico, entre sensações, emoções, sentimentos, para superar o dualismo mente-corpo e mecanismos dissociativos; e sob um ponto de vista teórico, entre diferentes ciências, neurobiologia, psicologia, psicanálise, a fim de alcançar uma compreensão mais ampla e profunda do ser humano

Seja bem-vindo a este livro que nos fala de crianças, do seu mundo interno e relacional, e de diferentes caminhos terapêuticos para tentar alcançá-las e ajudá-las. Vivenciar um relacionamento seguro e respeitoso, sentindo-se digno do interesse de um cuidador adulto que dá nome e significado para as comunicações do corpo e da mente, vai ajudá-las a cuidar de e curar velhas feridas. A partir desses relacionamentos e intervenções, podemos devolver às crianças curiosidade e interesse em sua vida emocional, com esperança e confiança nos outros. Esses casos não apenas refletem o trabalho com crianças

---

<sup>4</sup> TEICHER; RABI; SHEU; SERAFIN; ANDERSEN; ANDERSON; CHOI; TOMODA. “The impact of early life trauma on health and disease”. *In: Neurobiology of childhood trauma and adversity*, p. 112.



e adolescentes, mas também nos ajudarão a entender a criança e o adolescente dentro do nosso paciente adulto.

Tive a grande oportunidade de encontrar esses colaboradores quando fui convidada para dar uma palestra no treinamento do Programa de Criança e Adolescente no Instituto C. G. Jung de São Francisco. Estive com eles também no International Workshop of Analytical Psychology in Childhood and Adolescence.

Este livro chega em um momento oportuno no desenvolvimento do trabalho com crianças e adolescentes dentro da International Association of Analytical Psychology (IAAP), em que a análise de crianças parece ter ganhado respeito e um espaço específico. Portanto, parece importante entender a história do desenvolvimento de uma cultura analítica em relação à infância e à adolescência na comunidade junguiana.

## **International Workshop of Analytical Psychology in Childhood and Adolescence**

Esse *workshop* acontece uma vez por ano, em um país diferente, geralmente na Europa, há 35 anos. O *workshop* foi idealizado, no início, por Mara Sidoli e Gustav Bovensiepen, para criar conexões entre analistas de crianças de diferentes partes do mundo. Naquele tempo, poucas sociedades junguianas tinham um treinamento específico para crianças. Os analistas de crianças precisavam estar em comunicação e se conhecer pessoal e profissionalmente para crescer como um grupo, com uma identidade mais forte; eles não eram ainda reconhecidos como verdadeiros e qualificados analistas nas sociedades junguianas nacionais e internacionais. Ser convidada para escrever o prefácio deste livro não é

apenas uma satisfação pessoal, mas também mais uma confirmação de que o *workshop* funcionou bem, e então valeram a pena o tempo e o cuidado que ele requereu de cada um de nós. Fazer conexões, ser “pontefici” (do latim *pontifex, pontem facere*) significa ser um construtor de pontes, que, na minha opinião, é o principal objetivo do trabalho analítico e nosso, como analistas e indivíduos, especialmente neste momento histórico, quando paredes concretas e simbólicas são erguidas para separar países e pessoas, para manter afastado o diferente, o estrangeiro.

Nossa tarefa como analistas é ajudar pacientes a construir pontes de significados e conexões no nível intrassubjetivo, entre as diferentes partes de si mesmo, para enriquecer e tornar a personalidade mais complexa e flexível, bem como no nível intersubjetivo, interpessoal, para aprender a construir e manter saudável e respeitável a relação com os outros. Nossa tarefa é facilitar a função transcendente que supre e vincula, como eu vejo, a experiência intrapsíquica e interpessoal. Nossa tarefa como analistas de crianças é até mais delicada, pois nós temos a oportunidade de estar em contato com crianças e pais em um momento do desenvolvimento de suas vidas e podemos ajudá-los a construir e/ou reparar os laços de apego.

O International Workshop funciona como um construtor de pontes. Todos os anos, sem interrupção, desde 1984, um grupo de quarenta (no máximo) analistas de crianças e adolescentes de diferentes países, leste e oeste da Europa, Inglaterra, Israel, Estados Unidos, Brasil, Suíça, falando diferentes línguas, com experiências culturais e treinamentos analíticos diferentes, encontram-se por três dias completos em um país hospedeiro. Trabalhar juntos, com essas diferenças, nem sempre é

fácil. De fato, no primeiro período (1984-1990), o grupo passou por alegres discussões e animadas confrontações entre os colegas orientados por Fordham e Klein *versus* os orientados por Neumann e Kalff.

Agora podemos dizer, neste momento, que estávamos procurando e lutando por uma teoria forte, a melhor teorização de Jung para crianças e o método correto para fazer análise. Ao mesmo tempo, estávamos nos conhecendo melhor, e tentando superar as dificuldades ligadas às linguagens, que impõem um ritmo lento para as discussões e a necessidade de expressar conceitos e material clínico de uma forma simples e clara. Dessa forma, um obstáculo tornou-se uma vantagem. Pouco a pouco, preconceitos foram abrandados, e cada um de nós percebeu-se um pouco mais curioso e interessado em entender as diversidades, encontrando um jeito de trabalhar com os colegas, observando as conexões e as similaridades. Vários elementos trabalharam como facilitadores para manter viva essa experiência não institucional por tantos anos. (Para mais informações, consulte o Kyoto 2016 *Proceedings of the IAAP*,<sup>5</sup> em que eu apresento um artigo sobre o *workshop*.)

A identidade do *workshop* é uma identidade de grupo complexa que tem que manter junto o que é similar: ser um analista junguiano de crianças, e o que é diferente, vindo de diferentes países, falando línguas diferentes, e tendo diferentes experiências de análise junguiana. O grupo grande é continente para os grupos de trabalho menores. No grupo grande, as decisões coletivas são tomadas e as experiências dos pequenos grupos são compartilhadas. Nos pequenos grupos, feitos de oito a dez participantes, ocorrem discussões clínicas, e a atmosfera é amigável e íntima, facilitando um relacionamento seguro

---

<sup>5</sup> *Kyoto 2016, Anima Mundi in Transitions Cultural, Clinical and Professional Challenges*, Proceedings of the 20th Congress of IAAP.

e respeitável entre os participantes. A regra principal é trabalhar em conjunto com material clínico limitado e compartilhar com os outros a maneira com que o analista trabalha com o paciente. Expor-se em um grupo estrangeiro não é uma tarefa fácil, mas achamos que o sentimento de dividir a mesma experiência com nossos pares diminui as ansiedades persecutórias. O que fazemos não é supervisão, mas intervisão, ninguém é investido como aquele que sabe mais ou melhor do que os outros, não existe líder nem distinção entre *trainees*, analistas e professores. O eventual papel ou função que um participante possa ter na sociedade nacional ou internacional não é relevante, geralmente isso não é dito. O encontro pode ser livre o suficiente de elementos de *persona*, e existem menos manifestações narcisistas de um lado e menos sentimentos de medos e inadequação do outro lado.

As discussões do material clínico inevitavelmente trouxeram e provocaram no grupo fortes emoções e sentimentos conectados ao caso. Esses encontros serviram para vincular processos afetivos e cognitivos, criando uma aprendizagem efetiva de experiências que cria relações fortes, amigáveis e profissionais. Meu prefácio é a prova.

Então, novamente, seja bem-vindo a este livro, porque é um trabalho coletivo que mantém juntos diferentes artigos e diferentes analistas que são todos afiliados ao Instituto C. G. Jung de São Francisco. Eu sei que vocês terão prazer em ler este livro, devido à oportunidade de ver as diferenças e as semelhanças das abordagens teóricas e clínicas. Eu sou muito grata a Audrey Punnett, que, ouvindo seu desejo, criou este livro.

Aproveite a leitura!

Roma, Itália

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIOT, T. S. *Four Quartets*. New York: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 1971.
- FREUD, S. *Das Interesse an der Psychoanalyse*, GW VII, 1913.
- JUNG, C. G. *The Collected Works* (Bollingen Series XX), (HULL, R. F. C., tradutor). READ, H.; FORDHAM, M.; ADLER, G. (eds.). New Jersey: Princeton University Press, 1953-1979.
- \_\_\_\_\_. “The Development of Personality”. In: *The Development of Personality*, CW 17, §284.
- KYOTO 2016, *Anima Mundi in Transition: Cultural, Clinical and Professional Challenges*, Proceedings of the 20th Congress of IAAP. KIEHL, E.; KLENCH, M. (eds.). Ensiedeln, Switzerland: Daimon Verlag, 2017.
- TEICHER, M. H.; RABI, K.; SHEU, Y.; SERAFIN, S. B.; ANDERSEN, S. L.; ANDERSON, C. M.; CHOI, J.; TOMODA, A. “The impact of early life trauma on health and disease”. In: LANIUS, R. A.; VERMETTEN, C. (eds.). *Neurobiology of childhood trauma and adversity*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2010.